



CONFRADES DA POESIA

www.confradesdapoesia.pt - Email: pinhaldias@gmail.com



«JANELA ABERTA AO MUNDO LUSÓFONO/UNIVERSAL»

SUMÁRIO

Capa: 1 / A Voz do Povo: 2 / Definição Poética: 3,4 / Poesia Unida: 5 / Poetas da Nossa Terra: 6 / Confrades da RCP: 7 / Sabedoria Popular: 8 /

EDITORIAL

O BOLETIM Mensal Online (PDF) denominado "Confrades da Poesia" foi fundado com a incumbência de instituir um Núcleo de Poetas, facultando aos (Confrades / Lusófonos) o ensejo dum convívio fraternal e poético. Pretendemos ser uma "Janela Aberta ao Mundo Lusófono e outros países"; explanando e dando a conhecer esta ARTE SUBLIME, que praticamos e gostamos de invocar aos quatro cantos do Mundo, apelando à Fraternidade e Paz Universal. Subsistimos pelos nossos próprios meios e sem fins lucrativos. Com isto pretendemos enaltecer a Poesia Lusófona, no acréscimo da Poesia Universal e difundir as obras dos nossos estimados Confrades que gentilmente aderiram ao projecto "ONLINE" deste Boletim.

Promovemos "A Paz"
A Direcção

«Este é o seu espaço cultural dedicado à poesia»

Para nós não existe concorrência. Existem parceiros de actividade!

POETAS DA NOSSA TERRA página 6



Eléctrico...condiz verão!

Um transporte, sem poluição!

Nesta edição colaboraram 31 poetas

Deixamos ao critério dos autores a adesão ou não ao "Novo Acordo ortográfico"

FICHA TÉCNICA

Boletim Mensal Online

Propriedade: Pinhal Dias - Amora / Portugal | Revisão: Lahnip

A Direcção: Pinhal Dias - Fundador

Colaboradores: Aires Plácido | Albino Moura | Alfredo Mendes | Amália Faustino | Anabela Dias | Arlete Piedade | Chico Bento | Hermilo Grave | João C. Santos | João da Palma | Joel Lira | Jorge Cortez | José Catalão | José Jacinto | Lauro Portugal | Luís Fernandes | Luiz Poeta | Margarida Moreira | Maneta Alinho | Manuel Carvalhal | Manuel Nobre | Maria da Luz | Maria V Afonso | Mestre Vita | Nogueira Pardal | Paco Bandeira | Pinhal | Quim Abreu | Sara da Costa | Tito Olívio | Tolentino ...



Dediquei-me só ao fado

Mote

**Amei-te como a ninguém
E por ti não fui amado
Sem teu carinho porém
Dediquei-me só ao fado**

Glosa

Trás de ti, andei perdido
Chorando o teu desdém
Eras o meu amor querido
Amei-te como a ninguém

Noite e dia eu sonhava
Estar para sempre a teu lado
Só eu sei como te amava
E por ti não fui amado

Chorava o meu coração
A dôr que ainda hoje tem
Vivendo numa ilusão
Sem teu carinho porém

Ao ver que ia perder-te
Esse amor eu pus de lado
Para tentar esquecer-te
Dediquei-me só ao fado.

Chico Bento
Anais-Ponte de Lima

NÃO SEI DIZER

Não sei dizer quem sou, nem descrever-me,
Muito menos em versos rendilhados,
Porque sou incapaz de conhecer-me,
De ver-me nos complexos, tristes fados.

Não consigo tentar, nem atrever-me
A ler de mim os traços desenhados,
Sem cair no erro crasso de esquecer-me
De enumerar os meus grandes pecados.

Quem de si fala é tolo ou presumido.
Isso não quero, pois não faz sentido
Falar de si, se foi quem se pintou.

Por isso, nada digo e espero então
Que outros façam a minha descrição
Para me conhecer, ver como sou.

TITO OLÍVIO - Faro



A VIDA FEZ-SE TARDE

Enquanto em vão esperava pelo destino
Em vez de se tornar na própria estrada
A vida fez-se tarde e foi ficando só sem um caminho
Para sair da encruzilhada
Acreditou nos contos e nos ditos
Dos outros na abstracta providência
Em vez de acreditar em si que era mais perto
Preferiu o incerto de quem espera sempre alcança
Há muito ser assim sem o saber
Há muito quem não viva a própria vida
O estar aqui o querer o ser feliz
É mais moda que fato por medida
Há sempre que aventar algumas coisas
Nem tudo saber é bom conhecimento
Às vezes é preciso ter cuidado
Para não ser levado para lá do entendimento
São grandes os mistérios os enredos
Severas são as penas os castigos
Que fazem da consciência o próprio medo
Que nos trilha o fado que nos encurta os sentidos
Há muito ser assim etc etc

Paco Bandeira - Montemor-o-Novo

GRITO LIVRE

Da tua voz saiu o grito forte
Contra a força bruta que oprimia,
Contra os que te roubavam a alegria,
E não queriam que descobrisses o teu norte.

Juraste vencer tudo, mesmo a sorte
Que parecia querer vencer-te em cada dia,
E mesmo quando a dor te consumia
Decidiste lutar até à morte.

Paraste muitas vezes bem cansada,
Mas logo recomeçaste a caminhada
Até ao fim da história por fazer.

E ouvi-te então gritar: Estou aqui,
E se é verdade que ainda não venci
Posso ao menos gritar que sou mulher!

Nogueira Pardal - Verdizela

ÁRVORES

Como, a lápis, desenhos inacabados,
Com os ramos em rabiscos retorcidos
Numa tela, pardacentas, solitárias...
Figuram no ar as árvores solidárias.

E num triste amargor torpento...
Ondeadas, gota a gota, pelo vento...
Copiosas, ciciam, em pranto diluídas
Suas folhas, em lágrimas, convertidas.

Filomena G. Camacho - Londres

Eu já nasci cansado (meu 1º fado em 2004)

*

Fui um dia passear
E resolvi descansar
À sombra duma azinheira.
Levei o dia deitado,
Mesmo assim fiquei cansado,
Mas que grande trabalhadeira

*

Fui caracóis apanhar;
O que havia de inventar.
Só imaginam se vissem.
Eu arranjei um cajado
E pu-lo no chão espetado
À espera que estes subissem

*

Falei com Americanos,
P'ro Kwait fiz planos
E então, decidi um dia.
Oferecer-me p'ro Iraque,
P'ra evitar outro ataque
E manter a calma.

*

Só me chamam de calão...
Certos gajos dum "cabrão"
E que em nada sou perfeito.
Mas, eu já cavei sentado
E já experimentei deitado
Mas não me deu nada jeito.

*

Eu nunca a mola verguei...
A trabalhadeira que dei,
Estar sempre desempregado.
Vou meter tudo na norma,
E antecipar a reforma,
Porque já nasci cansado!...

*

(JP) João da Palma
Portimão

Mãe negra

Mãe que teu filho carregas,
em tuas costas esforçadas,
no teu dia a dia de refregas,
nos trilhos, em caminhadas...

Procurando o parco sustento,
que noutras mesas, é sobejo...
impotente em teu sentimento,
de perda, frustração e desejo...

Queres para teu filho, o melhor,
por ele te sacrificas com amor,
em dias de desespero a sofrer...

Nesse teu quotidiano de horror,
lutas contra a doença e a dor,
para veres teu filho sobreviver!

Arlete Piedade - Santarém

Revelação

Meu o ofício incerto das palavras
a evocação do tempo
o recurso ao fogo

Meu o provisório olhar
sobre este rio
o fascínio consentido das margens
sitiando a distância

Meus são os dedos que em tumulto
modelam capitéis
de sombra e arestas

Mas oculto na brisa
és Tu quem percorre o poema
despertando as aves
e dando nome aos peixes

Cardeal José Tolentino de Mendonça
Vaticano

Só Deus

Só Deus sabe se eu rio ou se choro,
se a alma se alegra ou está a sangrar;
só Ele me ouve quando Lhe imploro,
Forças e saber, no meu caminhar.

Com Seu grande amor, sempre está presente;
se eu tropeçar, me sustém de pé;
mas se eu pecar, fica descontente,
Ele me deu Jesus, a fonte da fé.

Morreu p'ra me dar vida, esperança,
a paz que vem inundar o meu ser;
a Ele entrego minha confiança,
quero honrá-Lo com o meu viver.

O quero servir, fazer Sua vontade;
Nele aquietar o meu coração;
A todos proclamar Sua Verdade,
pois ao pecador, concede perdão.

Jesus é a fonte, o pão da vida;
quem a Ele vai, fome não terá;
Seus fortes braços, lhe darão guarida,
e quem n'Ele crê, se saciará.

Anabela Dias – Paivas/Amora

Foi o cravo que te dei
Que teu coração me deu;
Passou tempo e já não sei
Como o nosso amor morreu.

Mesmo sem motivação,
Eu ajo desta maneira.
Cantando esta canção,
Que é do Paco Bandeira.

Tito Olívio - Faro

Manuel Nobre - Sines

DESVARIADO

Norma? Talvez apenas em compêndios,
Que, na prática, tem nenhum valor,
Há mil cheias no peito a par de incêndios,
Altars de fúria a revezar amor.

Bom livro não encontra editor,
Tomam lugar de ganhos os dispêndios,
E tanto o justo como o pecador,
Um advogado em tom igual defende-os.

Semanas, no Verão, de chuva e frio
E dias invernais de sol doirado
São imagem da vida em rodopio

Que traz de volta o vírus alterado.
Anda tudo em perfeito desvario,
E não hei-de eu andar desvariado?

Lauro Portugal - Lisboa

CRIANÇA

A vida é tua. A natureza ri quando ris
Os bonecos choram quando choras,
O céu é azul, de prata a lua.
O mundo não tem formas.
O futuro? Esse não te preocupa.
Somente o presente que passa
Sem te lembrares que jamais voltará.
O teu comboiozinho
Transporta nas suas carruagens
A candura, a inocência, a pureza.
Queres agarrá-lo com uma só mão
Para veres todo o teu poder.
Logo tu, linda criança,
Saltas, corres, sorris
E a vida é bela, mesmo muito bela,
Nas suas incógnitas sucessivas.
Ri meu querubim, ri,
Porque ainda és menino.

João Coelho dos Santos
Lisboa

noite sem noite e choviam
estrelas vivas em palavras
já nos meus olhos cresciam
campos livres de ervas bravas
acordei do frio intenso
aconchegado de nada
ergui o meu branco lenço
ao portal da madrugada
do alto, no universo,
voo puro de ave mansa
senti na força que um verso
grandeza de ser criança !

jorge cortez - Suíça

SOLUÇÃO

Ao cair da noite
Fecho-me, espero-te
Sei que chegas
Em forma de suspiro
Quase sinto o teu calor
E o beijo que queima.

Como todas as noites
Solução baixinho
Digo-te, amo-te
Quando devia gritar, odeio-te.

Sempre estive só
Mas todos os minutos te aguardo
E quando a lágrima cai
Desperto, aperto o coração.

E uma sombra vazia
Desliza no meu olhar
Outra vez tu no meu sonho
Espero-te amanhã amor
E fica até eu acordar

Sara da Costa - Corroios

BARCA EM COR AZUL

Sinto lágrimas de chuva florindo,
Nos sentidos acordados
Pelo abraço morno do desejo,
Ao sentirem o teu olhar a anoitecer.
Chilreia a natureza,
Desafiando o voo imaginário
Da ave ao leme na barca do amor feliz.
Quantas madrugadas
Dormem sonos de eternidade
No leito desfeito por vidas vazias...
...É preciso acordar e dar,
Passos que levem à nascente
Das águas que alimentam o sonho.
No rosto já cansado de chover,
É urgente saber oferecer rumo
De barca em cor azul dum mar
Que leve ao teu olhar o amanhecer.

Quim d'Abreu - Almada

Não há que dizer,
Nem nada a fazer.
O "parlamento" assim quis,
Sem o P.I.B. crescer,
Muitos vão morrer,
Num "podre" País.
O Povo infeliz,
Sem nada poder,
Continua a sofrer,
Males de raiz !.....

Manuel carvalho
"O Poeta Silvais de Évora".

**Alentejo**

Saudosa do Alentejo, em vão almejo
 Divisar-te mui ampla planura
 E cheia de tristeza em vão cotejo
 A tranquila solidão com minha agrura.

Na ânsia de te rever, eu te desejo
 E recordo a infância que foi pura.
 Adolescente mataram o meu maior ensejo
 Que era o amor de alguém que em sonhos
 dura.

Cá vou vivendo ainda com esperança
 De voltar á terra onde fui criança
 Assim espero com paciência e devoção.

Por ti, Alentejo, bate meu coração
 Minha ida aí traria pujança
 Teus encantos me dariam comoção.

Maria Vitória Afonso

Amoresia

Quando os olhos sorrirem
 É a hora dos lábios cumprirem
 A promessa da mão em outra presa
 Que deixa a emoção à solta
 à volta de uma mesa
 de baixo da inclinação e do prazer,
 que se repete ao som do bater do coração,
 e quando se chega a esquecer
 o que se dizia até então.

José Jacinto “Django”
 Casal do Marco/Seixal

GAIOLA

Agora que os pássaros emigram
 e outros que imigram,
 eu vejo-me a pensar em coisas que para uns não devo,
 dado á gaiola onde me encontro.

Vejo pássaros a esvoaçarem para longe nas suas emigrações,
 enquanto observo outros a imigrarem para junto à minha gaiola.

De pensamentos cerrados,
 a minha consciência já não fabrica liberdades de outrora.

Tudo ficou sem hora.

Apenas rege-se no que foi e no que agora não pode ser.

Já não emigro,
 nem imigro

Na minha gaiola há um pássaro que sabe somente o que sabe:
 - A gaiola conhece bem o pássaro que já não migra.

Este pássaro sou eu...

Joellira - Amora

A libelinha

A libelinha
 é tão levezinha,
 que nos aparece
 e fica a pairar
 como se quisesse
 falar:
 “Venho visitar-vos.
 Que bom encontrar-vos!
 Já não estou sozinha”!

Segundos passados,
 lá vai, levezinha,
 e ninguém hesita:
 “Adeus libelinha,
 e muito obrigados
 pela tua visita!”

Lauro Portugal
 Lisboa

O Sol.

Dia de Sol
 Flores vivas
 O azul
 No céu
 O olhar
 Perdido em ti.

Albino Moura
 Almada
 (Saudoso)

GATINHA

Envoltos na ternura de um lírio
 Como velhos sempre enamorados
 Dançamos mais uma longa valsa da vida.

Sou eterno aprendiz,
 Prendo abraços que te não dou,
 Sinto-te sem te ter.

As palavras e emoções do poeta já não são
 suas
 São de quem as lê e sente.
 Quedo-me à espera de uns olhos de veludo,
 À espera de ti, vestida de anjo,
 Gatinha de meus olhos!
 Se me quisesse, seguia-te como monge.

João Coelho dos Santos
 Lisboa

VISTO DE ENTRADA

Chega um momento em que ficamos tão sozinhos,
 Tão sem carinhos, tão carentes de atenção,
 Que o coração passa a bater devagarzinho,
 Buscando um ninho em nossa própria solidão.

O desengano reivindica seu espaço
 E cada abraço que conserta tantos danos,
 Vai se tornando mais distante e mais escasso
 E o nosso amor cede lugar a novos planos.

Nesse momento, a saudade se aproxima
 E ilumina nossa resignação
 Com a emoção que a abstração requer... e anima
 Com nova rima, uma nova criação.

Chega um momento em que a perda irreversível
 De quem se vai e não podemos fazer nada,
 Faz quem se foi, voltar mais pleno e mais visível...
 Porque saudade não requer visto de entrada.

A nossa estrada se reparte em cada esquina
 Que se ilumina sob a luz de quem nos ame,
 Basta que a chamem e ela vem mais cristalina
 E que o amor que nos anima não reclame.

Luiz Poeta - Luiz Gilberto de Barros
 RJ/BR

Meu amigo quem me dera
 que houvesse outra Primavera
 nas curtas estações da vida
 mas como o que foi já era

e o Inverno nunca espera
 vivo aquela que me é querida
 sei que não tenho outra saída
 vivo um dia de cada vez

os dias de Carnaval são três
 três meses são a primavera
 vivo um dia de cada vez
 meu amigo quem me dera

Vita - Sesimbra

O SOL E A VIDA

O Sol e a Vida
Nem sempre o Sol ...
É a estrela do nosso olhar...

Nem sempre o Sol
Que se espelha em nós...
Existe dentro de Nós...

Viver refletindo Sol...
É como se a cada instante ...
Uma lufada de amor ...
Nos invadissem a alma...

Mas ... Nem sempre ...
Tudo isso se conjuga...
O Sol ... O Amor...
E essa dita lufada ...
Perdida ... Por aí ...
Esperando ser Encontrada...
Abraçada ... E guardada...

O Sol ... E a Vida...
O Amor ... E o Silêncio...
Razões ...
Que Permanecem ...
No tempo...
Futuro... E inconsciente...
Criando Ilusões ...
E Quimeras...
Donas de uma razão ...
Sem sentido...

Margarida Moreira (Magui)...
Sesimbra

À deriva

Somos luz ? ou fomos luz ?
É tamanha a inquietude
que já nada nos seduz,
nem norte nem latitude.

Já não nos importa o rumo
que esta vida vai tomando,
por entre névoas e fumos
os sonhos vão-se esfumando.

Há angústia, há desnorte
da pobre gente que arrasta
atrás de si a má sorte
que é desta vida madrasta.

Apagaram-se os luzeiros
que eram farol neste mar.
A deriva, os marinheiros
a bom porto vão chegar.

José Catalão - Almada

Partiste

Mote

**Para a minha alma com frio
Eu não sei qual é mais terno
Se o calor do sol de estio.
Se o calor do sol de inverno**
(Maria Ruth Brito Neto)

Glosa

Saíste da minha vida.
De desde a tua partida,
Fiquei tão só, tão vazio.
Tu eras meu alimento,
E também aquecimento,
Para a minha alma com frio.

Desde o dia em que nasci,
Só dois amores conheci:
O de esposa, e o materno,
E sendo tão desiguais,
Se parecem por demais...
Eu não sei qual é mais terno.

Manancial de ternura.
Foste luz na noite escura,
E sol em dia sombrio.
Nem sei quem deu mais calor.
Se o fogo do teu amor,
Se o calor do sol de estio.

Tudo ficou tão gelado,
Por já não estares a meu lado.
Estás no céu, eu, no inferno.
Não sei que mais desejar,
Se morrer p'ra te encontrar,
Se o calor do sol de inverno.

Alfredo dos Santos Mendes
Lagos – Algarve – Portugal

Nos meus tempos de menino

Nos meus tempos de menino
Eram tempos de pobreza
E de muita tristeza,
Não se escrevia livremente,
Mas por obra do destino
Hoje é tudo diferente,
As crianças são mais felizes
E bem divertidas...
Brincam com mais alegria
E andam sorridentes!
É o que se vê agora.

Luís Filipe das Neves Fernandes
Amora

Os Rebentos da Vida

Foi apenas a vida e o amor
Cheia de encanto e afeto
Que me deu todo o primor
E fez respirar a felicidade...
Junto da pureza da natureza,
Do jardim que me viu nascer
Os rebentos da minha vida.
Estou a recordar a realidade
Que nasceram nas entranhas,
Do amor das silenciosas lágrimas,
Que minha alma não estranha
De ver o azul do Céu,
Que me deu ternura e alegria
Do encanto das lindas flores
Que são os perfeitos amores
E que de saudade, eu vivo agora.

Luís Filipe das Neves Fernandes
Amora

AMOR UNIVERSAL

Não penses, Portugal,
Que só tu tens meu coração.
Se assim pensas, pensas mal,
Não queiras ter ilusões.
Grande é meu coração,
Pois ele não tem dimensão,
E assim nele cabem todas as nações.

O cidadão do mundo,
Que sou eu,
Sem aspirar a ter nenhum troféu,
A todos, seja a quem for,
Sem exceção,
Tem um amor profundo,
E, no amor que ele dá, não faz distinção
De raça ou de cor!

Hermilo Rogério – Paivas Amora

Sibila o vento

acordes entrecortados
tamborilando a vidraça,
valseando a fronde das árvores,
redemoinhando folhas
como aves irrequietas.

Tremelejam
desgrenhadas as nuvens
e, gemedoramente,
escorre a chuva pardacenta
pelos dedos lassos da neblina.

Filomena Gomes Camacho
Londres



«POETAS DA NOSSA TERRA»

"BIOGRAFIA" "Amália Faustino"

Amália Faustino Mendes, nascida a 22 de Julho de 1957, em S. Miguel Arcanjo, Pilão-Cão onde frequentou a escola primária e aprendeu a ler e escrever. Frequentando ainda um curso de Professora realizado na Escola de Habilitação de Professores de Posto, durante 1971 a 1975, a partir desse ano leccionou nas escolas básicas e coordenou professores do ensino básico e foi estudando para completar o ensino secundário; de 1992 a 1995 com o 12º ano de escolaridade, frequentou o curso de bacharelato para professores de ensino secundário, na área de Estudos Cabo-Verdianos e Portugueses, no Instituto Superior de Educação de Cabo Verde, estando na altura a leccionar no nível de ensino secundário. Continuei os estudos universitários no mesmo instituto, para completar a licenciatura; Em 1997 concorreu à carreira de Inspectores de Educação, tendo sido aprovada em 1º lugar, exerceu esse cargo, e frequentou um outro curso de licenciatura em Educação - Recursos Humanos e Gestão da Formação, na Universidade do Minho, em Portugal, de 1999 a 2001, e concluiu com a nota de 16 valores, com essa formação, leccionou no Instituto Superior de Educação em 2003. Em 2004 foi nomeada Inspectora Geral da Educação de Cabo Verde e exerceu esse cargo até o fim de 2007. De 2007 a 2009 frequentou e concluiu, com 18 valores, um curso de mestrado em Língua e Cultura Portuguesa, na Universidade Clássica de Lisboa; actualmente, é Inspectora Superior de Educação em exercício nas instituições educativas de todo Cabo Verde. Os seus interesses: nascer e crescer na escrita criativa: poesia e prosa. Com ligação aos Poetas Del Mundo; “**Confrades da Poesia**” – Amora / Portugal.

BIBLIOGRAFIA:

Brevemente com livro pendente

Sites/Blogs

<http://www.poetasdelmundo.com/verInfo.asp?ID=6984>

<http://www.confradesdapoesia.pt/Biografia/AmaliaFaustinoMendes.htm>

SÁBADO E DOMINGO DE DEUS

Sempre acordo, revirando a consciência,
Arregaçando as mangas da minha existência,
Beijando em redor, agradecendo a Deus,
Ao altíssimo dono de destinos meus
Dono de vidas e das origens e da ciência...
A quem peço em meu ser a SUA abrangência!

E o dono do UNIVERSO não é imperador!

Dono de tudo criado! Nada reclamado;
O homem faz o que faz a partir do criado!!!
Mérito de uns, acasos e sortes em tudo domado:
Investimentos, travestimentos, revestimentos...
Nada de original reclamado, como algo criado!!!
Grutas naturais, ao fundo e do alto tudo criado:
Os animais, as plantas, minerais, tudo ofertado.

Dentro de mim, a confiança e a crença em Deus
Entranha-me o Omnipotente e bom, Criador de mim e de tudo,

DEUS benevolente, até p'ra gente irreverente
Elastece a Sua paciência, deixa sacudir o planeta,
Ufanas maldades, sobre UNIVERSO vivente
Sem limites, o Homem impera e interceta.

Amália Faustino Mendes – Praia/Cabo Verde

Palavras soltas em partidos

Antes de tudo permitam-me escrever palavras soltas
E pedir-vos que com elas construam o sentido,
Percebendo que estando fora de lista e sem pistas
Não se encontram amarradas a qualquer partido.

Partido no sentido das palavras, conhecimento multifacetado,
Labirinto semântico percorrido, recolha feita no horizonte,
Ambiente de convivência fundamental bisbilhotado,
Sem perda de controlo, segue a construção da ponte.

E a ponte do partido e do sentido, construídos
Palavras imbuídas em ondas de fortes decibéis,
Bocas movem os olhos fechados e ouvidos destruídos
Sem luz, nem sons, e onde estão as verdades credíveis?

As verdades, estas não existem em qualquer lado,
A luz da lua, estrela em planeta, com apagões
Mentira vestida de luz, verdade em atrelado
Procura atropelar nas passadeiras os incautos peões.

Os incautos peões atravessam falsas passadeiras
Ou fora delas colocam os pés na armadilha,
Verdades e mentiras, paralelamente em cadeiras,
Esperam calçar botas com uma boa palmilha.

Verdades e mentiras de identificação difícil
Essência é a diferença que a forma esconde
Na tomada de partido, cada calda em seu barril
Cada brasa, sua cavala e o sujeito põe-se a monte.

Amália Faustino – Praia/Cabo Verde

Contribuíram para o nosso projeto: - Site dos Confrades – Rádio Confrades da Poesia

Colaboradores: Foram poucos! Restantes no silêncio...

"NÃO SOMOS MELHORES NEM PIORES SOMOS DIFERENTES"

Esquecido

Criei dez filhos
dez crianças inocentes
brincavam e estudavam
pobres mas contentes.

Quantas lágrimas chorei
trabalhando com ardor
de enxada na mão
até o Sol se pôr.

Todos foram crescendo
criados com muito amor
hoje vivem nas cidades
esqueceram o progenitor.

Refrão (2 vezes)
Sei que estou velho
esquecido nesta casa
tão triste e só
está partida a minha asa.

Instrumental

Sei que atrapalho
não sou como outrora
sinto-me doente
está a chegar a minha hora.

Dez filhos criei
com muita devoção
agora estou abandonado
de bengala na mão.

Peço a Deus que me leve
vai ouvir... eu sei que vai
pois tenho dez filhos
e nenhum cuidou do pai.
(*Repete Refrão + 2 vezes*)

Joaquim Maneta Alinho
Azeitão

Coroa de sonetos-2 (baseada no tema: onde está A bonança apregoada)

(4)
Se eu não resistir à tempestade!
Que teima em assolar este meu peito
E se eu não encontrar neste meu jeito
Vou tentar agarrar-me à saudade!

Irei buscar a força à realidade
Viver em cada dia, mais refeito...
Da constante ignomínia, o contrafeito...
Dos Deuses nunca nasce a realidade!

Espero que dos ventos e enxurradas...
Que em nossas vidas são encaminhadas
Por algo que nos são tão adversos!

A natureza é algo transcendente...
A tempestade não avisa nem consente
Que a Bonança impeça com meus versos!

João da Palma Fernandes - Portimão

Olhó poeta!

Se dúvidas tinha
Deixei de as ter
Agora tenho a certeza
Depois do que ouvi dizer.

E não digam: convencido
E não digam: és tão crente,
Porque quem o afirmou
Disse-o convincente.

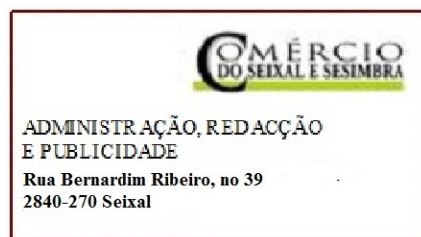
Disse ao ver - me:
— Olhó poeta!
Achei um regalo.
E se dúvidas tinha
Deixei de as ter
Obrigado Gonçalo!

Aires Plácido
Amadora

Tu és um vale

Tu és um vale onde te encontro, escondido fugindo da realidade cheio de sentimentos de amor calor humano
Tu és uma fonte onde me refresco pó teu sentimento
És a rocha onde me seguro por causa dos ventos que correm em direção ao mar de fantasias de prazer
Tu me fazes sorrir com esse olhar interior secreto nunca sabemos o que vem ai
Tu fazes me chorar quando não te entendo brincas com a verdade, mas falas a sério
Tu te deidas em parceria com o tempo de amar para seres amado
Tu és o que escrevo entre linhas diretas
Sim és tu o poeta onde me deito no meio das tuas quadras sem rima

Maria da luz
Sesimbra



As fotos deste Boletim
são dos autores e
outras da Internet

«A Direcção agradece a todos os que contribuíram
para a feitura deste Boletim».

Voltamos a 2/08/22

**SOLDADO CONHECIDO**

Foi o treino e o trem
 Foi o porto e o barco
 O desfile o abraço
 O tambor a rufar
 Foi o pranto no cais
 O pai nosso que fica
 Sem jeito para a vida
 Foi o medo do mar
 Foi a marcha o calor
 Foi o peito inchado
 Do homem fardado
 Foi o seu funeral
 Foi a arma na mão
 A besta que nos berra
 A força da guerra
 O avião
 A água que seca no nosso cantil
 O lábio que greta a febre a subir
 O sangue que ferve cá dentro de nós
 O corpo que treme debaixo do sol
 O medo da morte a noite a gritar
 Foi aquilo que a gente não pôde falar
 Foi o estado maior
 Foi a messe e o rancho
 O mando o comando
 O quartel general
 Os abutres e nós
 Foi aquilo que fez
 O negócio da guerra
 E obrigou a matar
 O estilhaço o napalm
 A picada no osso
 O ambriz o tomboco
 Foi são salvador
 Foi a carta que dói
 Da mulher que nos foge
 E o putto lá longe
 Tão longe de nós
 A malta a maca o negro que cai
 O cabaço da preta o mulato sem pai
 O soldado castrado no corpo e na voz
 A mina que rebenta por baixo de nós
 Foi o preço é o braço artificial
 É aquilo que a gente não pode calar

Paco Bandeira – Montemor o Novo

“Soldado conhecido, uma das minhas canções de antes do 25 de Abril, que não agradou a nenhuma das duas barricadas que então, considerava, e hoje tenho a certeza, que eram faces da mesma moeda, para comprar/manipular, trabalhadores!

Poeta e Compositor,
 O amigo Paco é incrível!
 Também, grande Cantor,
 Imitá-lo, é-me impossível.

Manuel Nobre - Sines

JÁ CHEGA

Fechei-me hoje em copas, tranquei-me na casa.
 Chegou o verão e o sol é uma brasa.

Bem pode a amargura bater-me na porta
 Ou mesmo a inveja! Não as deixo entrar.
 Os meus inimigos, vampiros do mar,
 Encontram meu cão, que não é mosca morta.

A quem vem da praia, lhes corto o caminho
 E, vindo da serra, tropeçam e caem.
 Da minha janela, suspiros que saem
 Empurram a raiva de quem vem sozinho.

Desejo e espero na paz benfazeja,
 Em cima das curvas da pérfida sorte,
 Que, antes que venha a visita da morte,
 Cá chegue uma dama, que abraça e me beija.

Não posso escolher, que o amor é um tabu,
 Mas juro que a dama, que eu quero, és tu.

Tito Olívio - Faro

Um grito de revolta.

São ventos, são vendavais
 Casas e árvores tombadas...
 Epidemias, vacinas em corpos de cobaias
 Mulheres de calça não vestem saias...

Com a emigração dos médicos
 Outros negociam com o privado
 Hospitais, com urgências diminuídas,
 Especialistas, com ganhos perdidos
 Ficam de baixa, seguida de reforma...

E quem não se sente
 Não é filho de boa gente...

Ora vejamos o que aconteceu
 No Templo, com os vendilhões:
 - “Foram expulsos a chicote” ...

E o sistema não dá a volta,
 O povo se manifesta com:
 - “Um grito de revolta” ...

Pinhal Dias (Lahnip) PT
 Montemor-o-Novo

Amor sem “limites” de idade

O Amor de minha mãe
 E o de quem me acarinha
 É o melhor que a vida tem
 Seja criança ou velhinha

Poeta Silvais - Évora

“MERÍFICO”

*

Mote:
 É enorme a suavidade...
 Caminhar no “Calçadão”
 Observando o Arade
 E a cidade de Portimão.

1

É enorme a suavidade...
 Respirando a maresia.
 Naquela docilidade...
 A qualquer hora do dia.

2

Num ambiente aprazível
Caminhar no “Calçadão”
 Onde está bem visível
 Gozar da ocasião...

3

Ver com naturalidade,
 E enquanto caminhando,
Observando o Arade,
 Gaiotas esvoaçando,

4

No caminhar, a miragem...
 Nos deixa consolação
 Admirando a paisagem
E a cidade de Portimão.

*

(IP) João da Palma
 Poeta de Portimão

SOU ASSIM...

Sou um livre pensador
 E nunca tive tendência,
 Seja de que crença for,
 De viver na dependência.

Não tenho religião,
 Nem sequer tenho partido,
 Mas trago em meu coração
 Todo o Universo metido.

Mas, confesso, tenho crença
 Em Deus e tenho esperança
 Que, um dia, a verdade vença,
 Que a Terra tenha bonança,

Que acabe a fome e a guerra,
 Que o Homem tenha juízo
 E faça com que a Terra
 Se torne num Paraíso!

Gostando da Liberdade,
 Sofro se ela anda à míngua.
 Sou amante da Verdade,
 Não tenho papas na língua!

Ermilo Grave - Paivas/Amora

